



Livro reportagem - A utopia espacial Alcântara¹

Flávia Maia Pimentel Vieira²

Janine Moraes Rocha³

Dione Oliveira Moura⁴

Universidade de Brasília, UnB, Brasília, DF

RESUMO: O presente trabalho é um livro reportagem intitulado *A utopia espacial Alcântara*. A ideia de fazermos um livro reportagem veio do desejo de apresentarmos ao público a situação da região de Alcântara no Maranhão sob a ótica de uma apuração jornalística. Afinal, é uma realidade peculiar e de interesse público, com conflitos fundiários entre a base espacial, comunidades quilombolas deslocadas e as que também podem ser transferidas caso haja a expansão do centro de lançamento de foguetes. O interesse pela região nasceu quando a fotógrafa do presente trabalho fotografou uma reunião de altos estudos da Câmara dos Deputados e os parlamentares comentavam sobre a situação da região de Alcântara, a meta de expansão da base espacial e a questão da desapropriação de terras das comunidades remanescentes de quilombos. A partir daí fomos instigadas a conhecer essa realidade de perto e mostrar o nosso olhar por meio de um livro reportagem. A publicação buscou uma interação entre imagem e texto, onde a programação visual buscou atender a este propósito.

PALAVRAS CHAVE: livro reportagem, Alcântara, Quilombos, Quilombolas, Posse de Terra, Brasil

¹ Trabalho submetido ao XVII Prêmio Expocom 2010, na Categoria Jornalismo, modalidade livro reportagem.

² Aluna líder do grupo, curso de jornalismo, email: flaviamaia4@gmail.com.

³ Aluna integrante do projeto, curso de jornalismo, e-mail: janine.moraesr@gmail.com

⁴ Orientadora da pesquisa de Projeto Final do Curso de Jornalismo. Professora do Curso de Comunicação (Jornalismo, Publicidade e Audiovisual). Coordenadora de Graduação; Linha de Pesquisa Jornalismo e Sociedade, Programa de Pós-Graduação em Comunicação/Universidade de Brasília, email: moura@unb.br. Co-orientadores: Célia Matsunaga (edição de arte) e Duda Bentes (edição de fotografia).

INTRODUÇÃO: Este é o produto apresentado como projeto final de curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da UnB. A ideia foi a realização de um livro reportagem sobre a região de Alcântara no Maranhão, Brasil. Buscamos um retrato documental de fotografia e texto, sendo constante o olhar dos autores. Procuramos escrever um livro reportagem equilibrado e com uma postura crítica da situação do município. Hoje Alcântara possui uma base espacial há quase 30 anos e ela trouxe consigo problemas sociais com a população quilombola, que foi realocada para lugares que não condiziam com a sua origem histórica. Agora nos anos 2000, fala-se em expansão do Centro de Lançamento de Alcântara com sítios comerciais e a história dos deslocamentos compulsórios da década de 1980 volta à tona. Queríamos mostrar a situação social preocupante das agrovilas -áreas de deslocamento- e a resistência que se opõe à expansão, vide o fracasso social que a base trouxe ao município. Visitamos três comunidades quilombolas, duas agrovilas e o Centro de Lançamento em Alcântara (CLA) para a feitura desse produto.

OBJETIVO DO LIVRO REPORTAGEM: Produção de um livro reportagem, de 84 páginas, com texto e fotografia sobre o conflito fundiário e os impactos culturais entre o CLA e as comunidades quilombolas do município, que fica no Maranhão. O texto fica a cargo de Flávia Maia e a produção fotográfica e diagramação é responsabilidade de Janine Moraes. A etapa de pré-produção, apuração, pesquisa e edição final é conjunta, com a coordenação editorial da orientadora Dione Moura e participação dos co-orientadores Célia Matsunaga (edição de arte) e Duda Bentes (edição de fotografia).

JUSTIFICATIVA: Depois de experimentar todos os laboratórios de jornalismo da Faculdade de Comunicação da UnB – primeiro Campus OnLine (atualização diária na internet), depois Campus (impresso, quinzenal), e, por fim, Campus Repórter (revista semestral) – nos propomos, e nos desafiamos, a encerrar o ciclo da Graduação dando continuidade na progressão de complexidade proposta pelos laboratórios. A etapa seguinte a revista semestral é a produção de uma reportagem de maior densidade, maior tempo de apuração e mais longa na sua apresentação. Maior que uma grande reportagem: um livro reportagem. Mas não tendo um laboratório de livro reportagem na faculdade, a chance de desenvolver um trabalho tão complexo, que normalmente é fruto de muito tempo de trabalho, e só jornalistas experientes se propõem a fazer, é fazer dele projeto de

conclusão de curso, porque, dessa maneira, a supervisão de uma orientadora e dois co-orientadores experientes está assegurada.

MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS: Para executar esse trabalho, dividimos as tarefas: à Flávia Maia coube a parte escrita, as entrevistas e a apuração dos fatos. À Janine Moraes coube as fotografias e a diagramação. Viajamos para Alcântara em setembro de 2009 e permanecemos na cidade por 15 dias, colhendo informações, depoimentos e imagens. Fomos durante dois dias a São Luís para buscar bibliografia e mais informações. Voltamos no início de outubro e a correria começou. Ainda em Brasília foram feitas entrevistas com as partes institucionais envolvidas como a empresa Alcântara Cyclone Space, a Agência Espacial Brasileira, o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária e a Secretaria Especial de Políticas de Igualdade Racial. Realizávamos reuniões quase todos os dias entre a equipe e a orientadora e, alternadamente, com os co-orientadores. Entre novembro e dezembro de 2009, fizemos a edição de fotos, a degravação do material, a redação dos capítulos, revisão e posterior diagramação. Em dezembro de 2009, o projeto foi apresentado à banca examinadora, aprovado.

DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO: O primeiro desafio de qualquer projeto são as escolhas das diretrizes que ele vai deve percorrer a princípio. Isso porque nem sempre conseguimos prever o que realmente acontecerá na trajetória de execução do que foi pensado. Durante todo processo da construção do livro reportagem ficamos em dúvida sobre o que realmente estávamos fazendo: um livro reportagem ou uma grande reportagem? Essa dificuldade conceitual veio, em muito, das poucas referências bibliográficas e de artigos disponíveis. Conceitualmente, o limiar entre a grande reportagem e o livro reportagem é bastante tênue e as características como obra são parecidas de tal maneira que de uma grande reportagem pode surgir um livro reportagem. O jornalista Ricardo Kotscho em seu livro *A prática da reportagem* salienta que “Elas (as grandes reportagens) têm esse nome não só porque realmente são grandes em números de linhas e de páginas de jornal – cada uma delas daria um livro a parte”.

Em vez de partirmos de um assunto que já tínhamos contato prévio como fazem os jornalistas - que cobrem determinada pauta e acham que aquele tema deve ser explorado

mais do que a superficialidade da pirâmide invertida -, partimos apenas da ideia e tivemos que ter as primeiras informações sobre a pauta em livros e entrevistas antes da ida a campo, e também contamos com as informações prévias colhidas durante uma sessão na Câmara dos Deputados na qual o tema foi debatido e despertou nosso interesse.

O livro reportagem é um segmento da comunicação jornalística muito comum no mundo ocidental. Apesar da maior parte das publicações serem na Europa e nos Estados Unidos, é uma vertente que tem ganhado força pelo Brasil. Somente no 12º Expocom (2), realizado no Rio de Janeiro em 2005, foram inscritos 80 livros reportagem de escolas de jornalismo de sete estados brasileiros: São Paulo (66 inscritos), Minas Gerais (5), Paraná (2), Rio Grande do Norte (2), Santa Catarina (2) e Espírito Santo e Ceará com um inscrito cada⁵.

Porém, segundo Edvaldo Pereira Lima, no livro *Páginas ampliadas: o livro reportagem como extensão do jornalismo e da literatura* atenta-se para o fato de que “o livro-reportagem, como objeto de estudo, ainda não desperta, significativamente a atenção da comunidade acadêmica” (LIMA, 2004, p.4). Tal afirmação legitima-se quando dos 36 livros teóricos sobre o tema inventariados no site mais conhecido sobre o assunto www.textovivo.com.br, apenas dois estão em português e foram escritos pelo autor Edvaldo.

O livro reportagem acaba por ser uma reportagem mais aprofundada, sob diversos aspectos. A começar pela pauta que se torna mais abrangente e aberta aos vários acontecimentos que culminaram no fato ou história a ser relatada. Com isso, o autor precisa de um tempo maior de apuração para estudar os acontecimentos, ter acesso a documentações necessárias e mapear tudo o que já foi publicado a respeito. Depois, ele entrevista mais pessoas e com mais tempo para a conversa. Dessa maneira, a edição não é

⁵ O mercado editorial também tem aberto as portas para esse gênero, a editora Companhia das Letras, por exemplo, lançou, em 2002, uma coleção especial intitulada “Jornalismo Literário – a arte de contar boas histórias”, com livros de grandes autores da modalidade como Gay Talese e Truman Capote, pioneiros no estilo. Na editora Casa Amarela das 60 publicações lançadas até 2007, 12 eram livro reportagem.

apenas pelo espaço disponível, mas pelas informações que são consideradas relevantes ou não.

Diante dessa assertiva teórica nos convencemos que nossa publicação era um livro reportagem. Entre os motivos da escolha está o espaço disponível. Em uma grande reportagem, mesmo que para ela seja destinado um espaço significativo no jornal, existe uma demarcação, um ponto final, por isso, mesmo com conteúdo mais aprofundado ela precisa se centrar em um determinado tema. Kotscho realça que essa demanda por um espaço maior nos jornais é um dos motivos para o desaparecimento desse tipo de jornalismo na mídia brasileira.

O nosso processo de produção foi invertido: uma pauta existente não se transformou em um livro reportagem, mas sim a ideia de fazer um livro reportagem buscou a pauta. Assim, quando viajamos para Alcântara, Maranhão, tínhamos o tema da pauta - informações básicas que permitiam saber do impasse (expansão da base de Alcântara x permanência das comunidades remanescente de quilombolas), mas não a pauta plenamente desenvolvida. E, assim, partimos com a orientação de, após a apuração, trazeremos, no mínimo, conteúdo que pudesse ser distribuído em cinco ou seis capítulos. Foi uma aposta. Deu certo.

O prazo de defesa do projeto foi outro limitador para que não executássemos o livro reportagem em seu conceito pleno, afinal, muitos fatos na região ainda estão pendentes, com o tempo maior para entrega, esperaríamos que pelo menos, a Organização dos Estados Americanos (OEA) e a Organização Internacional do Trabalho (OIT) dessem suas respostas aos processos judiciais correntes. Assim, partimos de uma pesquisa básica, ficamos 15 dias em campo e apuramos mais dois meses. Porém, na monografia *Diálogo Aberto – Como são desenvolvidas, na prática, as etapas teóricas de produção do livro reportagem*, a autora Cristiane de Azevedo Prizibiszki (2006), ressalta que “a decisão pelo encerramento da apuração depende exclusivamente da percepção que o autor possui sobre o material em mãos”. Ou seja, nesse caso, pelos compromissos acadêmicos não coube às autoras a decisão do término da apuração.

A definição da pauta, assim como sugere Edvaldo Pereira Lima, foi uma escolha pessoal nossa e surgiu de uma inquietação e intuição de falar de um assunto que ainda não chegava verdadeiramente à mídia. Vale destacar, que ideia inicial de pauta era uma reportagem sobre candomblé. A temática racial já estava, portanto, em pauta, mas devido à complexidade, nosso falta de conhecimento e contato com o tema, sentimos que o prazo era curto demais, um trabalho sobre o tema demandaria muito mais tempo do que o que dispúnhamos. Mas como o projeto do candomblé começou a ser desenvolvido, leituras sobre as temáticas raciais foram feitas e permitiram que a repórter Janine Moraes, quando fotografava uma reunião do Conselho de Altos Estudos na Câmara dos Deputados, onde deputados discutiam sobre como as comunidades remanescentes de quilombolas estavam retardando a expansão do Centro de Lançamento de Foguetes (CLA), reconhecesse o assunto como pauta.

Depois dessa reunião, fomos entender o que se passava na região e começamos a pesquisar em livros e buscar fontes de informação ainda em Brasília. Porém, foi em campo que executamos a etapa de “captação de informações”, conforme Edvaldo Pereira Lima. Em campo percebemos que mesmo com a pesquisa anterior não tínhamos nos atentado verdadeiramente para região, tanto que não olhamos os índices de analfabetismo. Por isso, o documento de uso da imagem que planejamos em Brasília gerou constrangimentos tanto para o entrevistado, por não saber assinar o próprio nome, como para nós, repórteres.

Ao chegarmos ao município, entrevistamos os povoados de remanescentes de quilombolas e as agrovilas, comunidades deslocadas para a construção do CLA e a base espacial. O critério de seleção de três das 152 comunidades remanescentes de quilombolas – Mamuna, Brito e Baracatatiua- foi o fato dessas serem as primeiras a serem deslocadas caso haja a expansão da base de foguetes, além disso, essas comunidades que resistiram e impediram já a construção do primeiro sítio de lançamento comercial em seus territórios. As agrovilas de Peru e Pepital foram a partir da indicação de pessoas que conhecemos na sede de Alcântara. As visitas às comunidades e a base espacial duravam o dia todo porque queríamos entender a rotina das pessoas que ali

viviam⁶. Nesses dias de visita, percebíamos, que, a princípio, os moradores nos recebiam com certo cansaço porque muitas pessoas antes de nós já tinham ido lá para estudá-los e entrevistá-los e a situação de pobreza ainda permanecia, sendo que nenhum pedido que eles fizeram a essas pessoas foi atendido. Assim, nosso desafio era ganhar essas pessoas aos poucos, e elas iam se abrindo. Ou seja, era o nosso primeiro contato com a memória dessas pessoas. O que, para Edvaldo Pereira Lima (2004), é essencial para o livro reportagem, já que a entrevista mais aprofundada leva ao resgate de riquezas psicológicas e sociais que no jornalismo diário não existe pela pressão do fechamento.

A observação participante foi essencial na construção do texto e fotografia porque pudemos ir além da entrevista formal. Enquanto tomamos o banho no rio das mulheres na comunidade quilombola de Baracatatiua percebemos como era o despir naquela comunidade, como era viver sem água encanada e quais eram as tradições: homens e mulheres separados na hora do banho.

As crianças, tanto de Baracatatiua como dos povoados quilombolas de Mamuna e Brito foram grandes parceiras porque apresentaram sem medo o que pensavam, como brincavam e como era a dinâmica e o pensamento da comunidade⁷. A ida ao Centro de Lançamento de Alcântara também contribuiu para quebra de paradigmas do olhar, isso porque, mesmo com toda a rigidez militar, fomos recebidos pelo Sargento Jáder, um cearense muito engraçado que quebrou a visão sisuda que achávamos que todo militar tinha que ter.

Passada a etapa de captação de informações, passamos ao processo de edição dessas informações e degravação do material. Quando voltamos do campo ainda fizemos

⁶ No mais, o acesso às comunidades é complicado por causa das estradas de acesso e contávamos com pouca verba, um limitador para o processo pleno do livro reportagem. Afinal, não pudemos retornar a nenhuma comunidade visitada.

⁷ Por exemplo, estávamos indo para a praia em Baracatatiua e a fotógrafa (Janine Moraes) tinha uma mochila nas costas e estava ficando para trás. Com pressa de chegar e querendo auxiliá-la, Walisson Pinheiro Pimenta, de dez anos, não tardou em quebrar um galho bem maior do que ele e chamar a colega Jéssica Diniz, oito anos, para ajudá-lo. Os dois colocaram a mochila pendurada no pau e a carregaram no meio, como se faz com os doentes, quando é preciso levá-los à cidade eles são carregados nos ombros de dois homens com a rede com o enfermo no meio.

entrevistas em Brasília e continuamos tentando falar com o prefeito de Alcântara, que não nos recebeu enquanto estávamos lá, nem respondia as ligações por telefone que fizemos.

Na monografia de Cristiane de Azevedo Prizibiszki, ela propõe uma intersecção ao trabalho de Lima com o título *Ampliando o Páginas Ampliadas*. Isso porque ela não encontrou nenhuma referência ao uso de equipamentos e ao modo de condução das entrevistas e da observação. Segundo ela, nos autores estudados, Caco Barcellos (2006), Fernando Morais (2006) e Mylton Severiano (2006), usam, além do gravador e das anotações a máquina digital e o processo denominado por Lima como “Mapa Mental”, que combina anotações sobre fala, os gestos, o timbre da voz e o comportamento dos entrevistados. No caso da repórter de texto de *A utopia espacial Alcântara*, o uso do gravador foi uma constante. Além da câmera da fotógrafa, a repórter de texto levou sua própria e fez imagens para se lembrar da fisionomia dos entrevistados, das principais cores da região, como o verde amazônico e o barro das casas de pau-a-pique.

Redação:

Organizar as fotos e degravar todo o material de entrevistas foi o que gastou mais tempo na produção. Mesmo depois do campo ainda restavam algumas entrevistas em Brasília como a do Roberto Amaral, diretor da *Alcântara Cyclone Space* e a do Himilcon Castro, diretor da Agência Espacial Brasileira. As últimas entrevistas tiveram que ser concomitante à decupagem das gravações. Não prevíamos que a seleção de fotos e a degravação tomasse tanto tempo. Imaginamos duas semanas, mas a organização de todo esse material levou um mês, o que atrasou a redação que foi feita em 15 dias, prazo inferior ao normalmente gasto na concepção de um livro reportagem.

Vale destacar que mesmo sabendo da nossa limitação de tempo, já partimos com o ideal de trazer cinco ou seis temas para serem abordados. Assim que chegamos, antes mesmo da escrita do livro, tendo em mãos o material coletado, desenhamos um rascunho dos possíveis capítulos do livro, esse esqueleto foi primordial para que tivéssemos um norte para o qual a escrita se encaminharia. Ao longo do processo de decupagem e escrita, algumas alterações foram feitas, em trabalho conjunto, diário, via correio eletrônico, entre ambas autoras e a orientadora Dione Moura, responsável pela coordenação editorial

e com os co-orientadores Célia Matsunaga (edição de arte) e Duda Bentes (edição de fotografia). Por exemplo, seriam cinco capítulos, porém, ao escrever, a repórter sentiu que o primeiro capítulo ficaria pesado para o leitor e resolveu quebrá-lo em dois. Além disso, a sequência também foi modificada pelo rumo que o texto foi tomando e os capítulos quatro e cinco foram invertidos do pensado originalmente.

O uso de funções de linguagem, adjetivação, narração, descrição e exposição, foram elementos que ajudaram a compor o texto, conforme o sugerido por Lima. As técnicas de edição ficaram mais ligadas à relevância de determinado assunto e história.

Buscamos, através da variedade de fontes, pesquisa aprofundada e da observação participante, fazer o que Lima enfatiza em sua obra; que o nosso livro reportagem preenchesse os vazios deixados pelo superficialismo da imprensa contemporânea ampliando o olhar sobre aquela realidade, lançando luz de um tema parcialmente conhecido. Onde a voz da Aeronáutica e da Agência Espacial Brasileira são mais ouvidas que a das pessoas das áreas de remanescentes de quilombos e agrovilas.

Temática racial:

Utilizando como referência o artigo da mestra Raquel Pereira de Mello publicado em setembro de 2009, intitulado As relações raciais no Brasil no discurso do jornal O Globo, vamos dar um panorama de como se construiu o discurso midiático sobre as relações raciais no Brasil.

Através de uma análise que recorre ao arcabouço teórico conceitual das estratégias discursivas (FOUCAULT, 1987, p. 77), a autora desdobra e conclui que o caráter brasileiro pertence ao plano do imaginário social e, com frequência entra em choque com a realidade. Raquel Pereira Mello usa os conceitos de Marilena Chauí, de que a forma a formação (histórica) e a fundação (simbólica) do Brasil parecem não combinar. Isso nos parece especialmente relevante no estudo das relações raciais no Brasil. Assim, referenciando Ortiz, a autora destaca “o mito das três raças é (...) exemplar, ele não somente encobre os conflitos raciais como possibilita a todos se reconhecerem como nacionais” (ORTIZ, 1985, p. 44). Dessa maneira, ela conclui que os meios de comunicação do Brasil, como propagadores de informações, também propagam

discursos, pensamentos e ideologias, muitas vezes não condizentes com a realidade. Por isso, os veículos comunicacionais são responsáveis pela criação de estereótipos, ideologias e discursos muitas vezes não real, como o caso da democracia racial brasileira, tão clamada pela mídia nacional.

Como visitamos comunidades de remanescentes de quilombos em Alcântara, tivemos que nos atentar à temática racial. Afinal, a questão fundiária retratada em *A utopia espacial Alcântara* em muito retorna à histórica questão dos privilégios do homem branco e do negro no Brasil. Inclusive temos no produto a fala - colhida durante uma entrevista aberta com perfil jornalístico - da professora da Universidade Federal do Maranhão, Maristela de Paula Andrade, que ela diz que “para muitos, a base espacial é a volta do homem branco aos territórios de Alcântara”.

Dessa forma, por trazermos no capítulo 2 do nosso livro reportagem a discussão sobre o surgimento de um sujeito de direitos cujo critério de acesso a esse direito a terra é a autoatribuição, entramos em muito, nas questões étnica-raciais.

Nosso primeiro cuidado na elaboração desse produto foi com a linguagem e os vários tipos de tipos de discursos que ela poderia gerar, preconceituosos ou não. Nossa referência teórica advém do conceito-base do historiador brasileiro Joel Rufino dos Santos. Para o autor, “parece indiscutível, à luz da ciência, que no caso dos seres humanos não haja raças. (...) Não há raças e entretanto há relações raciais. Paradoxo? Não. Na realidade, a expressão relações raciais acoberta outras relações” (SANTOS in MAIO & SANTOS, 1996, p. 219).

Assim, partimos da existência de relações étnicas raciais em Alcântara e que existia um conflito, não só histórico, com o processo de escravatura e baronato, quanto atual, pela posse da terra quilombola secular frente à chegada da base espacial. Ao contrário do discurso encontrado em jornais e revistas de grande circulação, da miscigenação, da democracia racial, optamos por mostrar a existência do conflito. Ou seja, fomos em desacordo a Sérgio Buarque de Holanda que fala do “homem cordial”, salientamos na construção do discurso em *A utopia espacial Alcântara*, a existência de um conflito em que cada qual tem seus pontos de vista e que, graças à sua história, os povoados seculares

estão conseguindo vencer seu direito a terra. Porém, para isso, tiveram que redescobrir a identidade quilombola e com o conceito imposto pelo Estado para terem seus direitos adquiridos. Dessa maneira, ao contrário de jornais de grande circulação, que, por conta do tempo de fechamento e linha editorial, acabam dando mais espaço e voz às fontes oficiosas, buscamos problematizar a situação dando voz a esses atores sociais – pessoas das comunidades quilombolas e agrovilas- quase sempre escondidas na mídia.

Fotografia:

Utilizando como referência o autor português Jorge Pedro de Souza e a distinção, pelo método, feita por ele entre fotojornalismo e fotodocumentarismo tento refletir sobre o lugar do meu trabalho entre esses conceitos. O autor destaca como característica do fotodocumentarismo, que é trabalhar em termos de projeto, planejando, refletindo sobre as possibilidades de abordagem, ou mesmo sobre a escolha do equipamento, que são todas características do nosso projeto de livro reportagem.

Mas várias características do que ele atribui ao fotojornalismo também foram evidenciadas nesse projeto. Apesar da escolha por trabalhar em termos de projeto, o que ele afirma acontecer com fotojornalistas também aconteceu nesse projeto: mesmo com leituras e referências fotográficas da região, não sabíamos com exatidão o que o que encontraríamos e em que condições. O fato de ter preparar com antecedência para a ida a campo não excluiu o elemento surpresa da produção fotográfica.

Houve um planejamento e um cronograma foi elaborado, mas não havia como planejar a distância o cronograma dos dias em campo. Ali seria apuração, iríamos para onde a apuração apontasse que deveríamos ir. Só sabíamos de antemão que precisávamos visitar as comunidades ameaçadas de deslocamento, agrovilas e a base de lançamento. Mas não sabíamos por exemplo onde teria energia elétrica. Se ficaríamos na cidade, ou se haveria como ficar nas comunidades. Para o caso de conseguirmos ficar nas comunidades, sem energia elétrica, levei bateria extra.

Preparamos um documento de autorização de uso de imagem, e prova de que o elemento surpresa está sempre presente. A situação das pessoas precisarem dizer que não sabiam

assinar, ou pedirem para que assinássemos por elas, gerava constrangimento o que nos levou a desistir dos documentos já no segundo dia em campo.

Dentro das discussões levantadas pelo Jorge Pedro de Souza está a autocensura, que é o nome que ele usa para o deixar de fotografar devido a posicionamentos políticos, o que aconteceu na cobertura fotojornalística da Guerra Civil Espanhola, por exemplo. O conceito de autocensura já traz com ele a fotografia como ponto vista, como recorte pessoal da situação. O que exige a responsabilidade da consciência como fotógrafo em relação à influência que suas imagens podem adquirir. Aí entra a pesquisa, a leitura, o mergulhar no tema, para que a tomada de posição seja consciente, para que problemas sejam enxergados.

O livro reportagem tem mais imagens de comunidades quilombolas e reflete tanto a opção de negar o caráter inicial do fotojornalismo como ilustração (o uso de retratos pouco expressivos de entrevistados é evitado), como a delimitação do que era importante em termos de imagem. A que gostaríamos de atribuir valor, visto que a fotografia é o trabalho reconhecer aquele recorte como valoroso, atribuir valor ao recorte.

A construção da narrativa fotográfica foi conduzida em torno do que apuração apresentou como mais significativo: o impacto da realocação das comunidades quilombolas em agrovilas. E o caminho para explicar foi justamente mostrando como é a vida nas comunidades quilombolas, que correm o risco de acabar caso sejam realocadas para agrovilas como aconteceu há quase trinta anos com algumas comunidades.

Mas o apresentado como escolha, também é uma limitação da fotografia documental, o que é possível representar é a situação hoje. Há uma tentativa de resgatar o passado evidenciando práticas seculares, que tem claramente ligação com a ancestralidade afro-brasileira. A fotografia como reconhecimento da significação de fato foi o grande desafio da produção fotográfica desse livro: o exercício de enxergar um pouco mais, o desafio de enxergar o que não se enxerga, ou não se atribui importância.

Planejamento Gráfico e Tipografia:

O *projeto gráfico* do nosso livro precisa comportar textos longos e imagens. Foto e texto têm igual importância, posto que o trabalho é de autoria de uma repórter e uma fotógrafa, onde um não pode ser privilegiado em relação ao outro. As preocupações relativas ao uso da fotografia no projeto gráfico são: garantir ao máximo que proporção das fotografias sejam preservadas; limpeza da página, não deve haver elementos que compitam visualmente com as fotos. As preocupações em relação ao texto são: legibilidade, fluidez. O texto será longo. Não pode cansar a vista. A partir dessas preocupações o projeto começou a ser delineado. Como gostaríamos que a publicação fosse grande, para facilitar a visualização das imagens, essa foi a primeira escolha do projeto gráfico.

Com a referência de *tipografia* utilizada, buscamos que a melhor fonte de texto fosse tão confortável que ficasse invisível, por isso, procuramos fontes discretas, leves, para que não desviasse a atenção das imagens, mas com legibilidade e conforto garantidos.

As principais fontes utilizadas são: títulos, entretítulos e legentas: Frutiger 47 Condensed Light, tamanho variável. A fonte sem serifa garante a leveza proposta pelo projeto gráfico, e como é utilizada apenas em frases curtas não prejudica a legibilidade, as fontes sem serifa costumam ser mais cansativas para a leitura.

Texto principal: Caslon regular, corpo 10. O texto principal, que exige uma leitura de maior fôlego, tem fonte serifada, o que garante uma melhor leitura, já que a serifa acaba funcionando como ligação entre uma letra e outra.

Formato e Papel:

Gostaríamos que a publicação fosse maior. Mas por conta da tiragem, 15 exemplares, a impressão só pode ser feita em gráfica digital, e o maior papel utilizado é o super A3, que, tirando os descontos para sangria, tem uma mancha gráfica máxima de 21cm x 28cm. Para a escolha do formato esbarramos então nessa limitação técnica, que é também econômica. Poderíamos até fazer maior, como desejávamos, mas desperdiçaria muito papel e encareceria muito o projeto. Então escolhemos a maior mancha possível, para que houvesse espaço para as imagens e espaço negativo, com preço acessível.

Miolo – Papel Couché fosco, 115 gramas. O livro tem muitas imagens densas, e uma gramatura baixa poderia resultar em páginas com alguma transparência, com fantasmas das fotos do lado oposto da folha. A gramatura escolhida evita que esses problemas ocorram. O papel couché foi escolhido por conta da maneira como ele absorve a tinta, não absorve muito, gerando borrados. E o fato de ser fosco elimina os brilhos indesejados em cima das fotografias.

Capa: Papel Cartão C2 LD, 300g, com revestimento para que, com o tempo a capa não desbote, uma vez que, é ela quem tem que agüentar as intempéries exteriores como clima, umidade e proteger o conteúdo.

Gride e Cor: A gride do nosso livro reportagem é dividida em cinco colunas, o que garante maior flexibilidade na diagramação e maior possibilidade de disposição de fotos e imagens. Prezando a limpeza visual, o livro não terá cor, senão nas fotografias. Todo o resto é preto e branco, para que não haja nenhum outro peso competindo com as fotos.

Público-alvo:

Ao escolhermos um produto com arte final com custo elevado por causa das especificações gráficas como capa e gramatura do papel e com linguagem aprofundada e tendendo à forma culta, acabamos restringindo o potencial público que poderá consumir esse produto, isso porque o preço final e o interesse acabarão ficando entre os que as empresas jornalísticas chamam de público A e B, isto é, a alta e a média classe média⁸.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: Nesse momento final, cabe destacar a importância da reflexão sobre o produto que fizemos. Ação rara entre os autores, que, geralmente tem seus produtos analisados por outros pesquisadores. Assim, a transgressão, a memória e as justificativas acadêmicas, foram importantes para entender o nosso mecanismo de

⁸ Porém, Edvaldo Lima, prefere não rotular assim o público de um livro reportagem, sendo, inclusive, uma característica dessa espécie de publicação a liberdade não só de definir o tema que será abordado e estabelecer as angulações, ou seja, o repórter tem o descomprometimento com a empresa jornalística e de massa (público-alvo). Apesar da liberdade conferida do Edvaldo, temos noção de que, infelizmente, nosso produto não chega a todas as camadas sociais.

produção e como fomos agindo de acordo com o crescimento que tivemos na formação universitária. O laboratório da Revista Campus Repórter muito influenciou não só no processo de apuração quanto na estética que escolhemos para o nosso projeto gráfico.

Salientamos, portanto, através do livro reportagem *A utopia espacial Alcântara*, que a formação acadêmica foi essencial para sua construção. Sem a base dos quatro anos da graduação não teríamos, sequer, ambicionado a produção de um livro reportagem com a profundidade que buscamos retratar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALMEIDA, Adroaldo José Silva. Museu casa histórica de Alcântara. Alcântara: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2006. 28p.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Os quilombolas e a base de lançamentos de foguetes em Alcântara: laudo antropológico. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2006. 1 e 2 v.

ANDRADE, Maristela de Paula (org); FILHO, Benedito Souza (org). Fome de farinha: deslocamento compulsório e insegurança alimentar em Alcântara. São Luís, 2006. 294p.

ARAÚJO, Mundinha. Breve memória das comunidades de Alcântara. São Luís: Editora Sioje, 1990. 250p.

KOTSCHO, Ricardo. A prática da reportagem. São Paulo: Editora Ática, 2000.80p.

LAGE, Nilson. A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2001. 189 p.

LIMA, Eduardo Pereira. O que é livro-reportagem. São Paulo: Brasiliense, 1993. 69 p. (Coleção Primeiros Passos)

_____.Páginas Ampliadas – O livro reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 3.edição. Barueri, SP: Manole, 2004

SOUZA, Jorge Pedro.História crítica do fotojornalismo ocidental. Grifos, 2000.

LOPES, Antônio. Alcântara: subsídios para a história da cidade. São Paulo: Editora Siciliano, 2002. 323p.

MELLO, Rachel Pereira de. Artigo As relações raciais no Brasil no discurso do jornal o Globo. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2009.

PRIZIBISCZKI, Cristiane de Azevedo. Monografia Diálogo Aberto – Como são desenvolvidas, na prática, as etapas teóricas de produção do livro reportagem. Universidade Estadual de Londrina, 2006.

